

QUANDO A NOTA ERA UMA PALAVRA: A ESCALA QUE SE SOBE POR DENTRO

Por Aínor Francisco Lotério

Havia um silêncio na sala quando o professor entrava trazendo as provas corrigidas. Não era medo, era espera. Naquele tempo as notas eram assim, por conceitos, e vejam só que interessante: em vez de um número, vinha escrita à caneta uma palavra sobre cada um de nós. Insuficiente, regular, satisfatório, bom, ótimo. Cinco palavras que a gente levou para a vida inteira sem perceber, guardadas não no caderno, mas em algum lugar mais fundo, onde moram as coisas que nos formam.

Antes do número, a palavra

Não era um sistema perfeito, mas era, sem que ninguém o soubesse dizer daquela forma, um sistema mais humano. O número fecha a conversa: registra, arquiva, encerra. A palavra, ao contrário, permanece aberta como uma porta encostada. Insuficiente convida a completar. Regular convida a superar. Satisfatório convida a ir além. Bom convida a persistir. Ótimo convida a continuar sendo assim. Havia, naquela caligrafia de professor, um julgamento, sim, mas também um convite, e é essa combinação de rigor com esperança que o número, sozinho, jamais conseguiu reproduzir.

Passaram-se décadas e essas palavras continuam nos avaliando. Mudaram de lugar, não de função. Hoje elas aparecem na reunião de resultados, na conversa do casal, no espelho do banheiro pela manhã, no silêncio que segue um elogio que não veio. Trocamos o boletim pelo indicador, a caneta pelo aplicativo, mas a pergunta que essas palavras fazem continua sendo a mesma, disfarçada de mil formas diferentes: em que degrau você está hoje?

Os cinco degraus

Insuficiente não é sentença, é ponto de partida. Todo mundo começou ali, em alguma coisa, em algum momento. A palavra apenas diz que falta algo, e quem sabe o que falta já descobriu por onde começar. O erro não é ser insuficiente. O erro é ficar. É transformar um retrato provisório em identidade permanente, e passar a vida inteira respondendo por uma condição que já deveria ter sido superada. Paulo Freire (1996) chamava isso de inacabamento: somos seres inacabados, conscientes desse inacabamento, e é justamente essa consciência que nos torna educáveis, capazes de sermos hoje diferentes do que fomos ontem.

Regular é quem cumpre. Faz o combinado, não incomoda ninguém, não brilha. É a zona mais confortável e por isso mesmo a mais perigosa, porque o regular dorme tranquilo enquanto a vida passa do lado de fora, sem bater à porta duas vezes. Não há vergonha nenhuma em ser regular por uma estação da vida. A vergonha está em fazer da estação um endereço fixo.

Satisfatório é quem entrega o esperado. Merece respeito e não deixa marca. Atende, mas não transforma. Cumpre a régua sem nunca perguntar se a régua é a medida certa das coisas. É um degrau honesto, mas também um degrau anestesiado, porque quem só satisfaz raramente se pergunta o que aconteceria se ousasse mais.

Bom é quem domina o ofício e o repete com constância. Chegar até aqui custa anos, custa noites mal dormidas, custa recomeços. É onde vive quase toda a gente decente deste mundo, e não é

pouco. É o degrau da responsabilidade cumprida, do trabalho que sustenta uma casa, uma família, uma reputação. Ninguém deveria descer a régua para quem é bom, mas ninguém deveria, também, parar de subir só porque já é suficiente para os outros.

Ótimo é raro. Não é fazer mais, é fazer com alma. É quando o trabalho deixa de ser tarefa e vira assinatura, quando quem recebe percebe que teve alguém inteiro do outro lado. O ótimo não se mede pelo tamanho do gesto, mas pela presença inteira de quem o faz. Rubem Alves (1994) distinguia ensinar com alma de ensinar por obrigação, porque o primeiro deixa marca e o segundo deixa apenas conteúdo. O mesmo vale para qualquer ofício: há quem entregue conteúdo e há quem entregue presença, e é essa diferença que separa o bom do ótimo.

Como se sobe essa escala

Olhando para dentro, nunca para o lado. Quem se compara sobe por inveja e desce por desânimo, porque sempre haverá alguém melhor e sempre haverá alguém pior, e nenhum dos dois tem qualquer coisa a ver com você. Quem se examina sobe por consciência. A pergunta certa nunca é quem sou melhor do que. A pergunta certa é o que ainda me falta.

Chamo esse movimento de Sétima Direção: depois de olhar para frente, para trás, para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda, resta ainda uma direção que a maioria esquece de consultar, o olhar para dentro. É nela que a escala realmente se sobe, porque nenhum degrau externo sustenta quem não fez primeiro essa travessia interior. É a mesma lógica que aplico à terra quando falo em Agrosófia: nenhuma colheita externa compensa um solo que ninguém cuidou por dentro.

A condição para subir: soltar o rótulo

Há uma condição para subir, e ela é dura: soltar o rótulo. O preconceito começa no dia em que aceitamos ser aquilo que alguém escreveu sobre nós numa tarde qualquer. Se você foi chamado de insuficiente aos doze anos, aquilo não era um retrato, era a fotografia de um instante. Se numa avaliação de desempenho você foi lido por uma lente estreita, aquilo dizia mais sobre a lente do que sobre você.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos filipenses, resumiu esse movimento com uma clareza que nenhum manual de desenvolvimento humano igualou depois: “irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (BÍBLIA, Filipenses 3, 13-14). Esquecer não é apagar a memória, é recusar que ela vote no seu futuro. Viktor Frankl (1991), que atravessou os campos de concentração e ainda assim escreveu sobre sentido e não sobre desespero, insistia que a última das liberdades humanas é a escolha da própria atitude diante de qualquer circunstância, inclusive diante do rótulo que outros insistem em nos colar.

Ninguém é permanentemente nada. Não somos seres petrificados, não somos quantificados por números, nem por datas, nem por épocas. Somos, a cada manhã, uma possibilidade recomeçada.

Um degrau por vez

Sobe-se um degrau por vez, e não existe elevador para essa escada. Do insuficiente ao regular sobe-se pela disciplina, que é a decisão repetida de fazer o certo mesmo sem vontade. Do regular

ao satisfatório sobe-se pela responsabilidade, que é a coragem de responder pelo resultado, bom ou ruim. Do satisfatório ao bom sobe-se pela dedicação, que é o tempo que se entrega sem cobrar troco. E do bom ao ótimo sobe-se pelo amor àquilo que se faz, que é a única força capaz de sustentar alguém quando a recompensa demora e ninguém está vendo.

Não existe atalho entre um degrau e outro, e talvez seja essa a maior misericórdia da escala: ela exige tempo, e o tempo, bem usado, é o único professor que corrige sem humilhar.

O que fica

O que sobra de uma vida não é a planilha. É o gesto, a palavra dita na hora certa, o professor que acreditou quando não havia razão estatística para acreditar, o líder que enxergou talento onde o indicador só via média. A memória guarda conceitos, não números. Nascemos para ser felizes e para ser eternos, e a eternidade não cabe em decimais. Não fomos criados para ser classificados. Fomos criados para ser plenos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Novo Testamento. Filipenses 3, 13-14. Tradução de João Ferreira de Almeida.

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Sempre firme, nem sempre forte. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Tu és esse homem. Disponível em: www.loterio.com.br.

PARA APROFUNDAR

Textos que dialogam com esta reflexão em www.loterio.com.br: *Tu és esse homem*, sobre a distorção da realidade e o hábito de ver-se nos outros; *Sempre firme, nem sempre forte*, sobre a firmeza de caráter diante das provas; e, no canal @ainorloterio no YouTube, reflexões em vídeo sobre motivação, Ciclomotivação e desenvolvimento humano.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, mestre em Gestão de Políticas Públicas, filósofo e teólogo, criador da Agrosófia e desenvolvedor da Agroteologia. Palestrante nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosófia, construiu trajetória na extensão rural, na gestão pública como ex-Diretor da Epagri e ex-Prefeito de Camboriú/SC, e na consultoria cooperativa junto à Emater-RS/Ascar. É autor dos livros Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes; Paixão pelo Cooperativismo; A Eternidade em Nós; e Um Minuto de Inspiração.